



REVISIONISMO, HISTÓRIA E NEGACIONISMO: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS PRODUÇÕES MIDIÁTICAS DO BRASIL PARALELO*

Samira da Silva**

Bruna Cataneo Zamparetti***

Resumo: A História, enquanto ciência, com seus métodos e critérios, busca narrar o passado pautado em fontes e em vestígios documentais, a fim de sustentar uma narrativa dele – passado – o mais fundamentada possível. O entendimento dessa metodologia é importante para perceber os processos de base científica exercidos na construção da História, evitando achismos, revisionismos baratos ou negacionismos quanto a fatos e a acontecimentos históricos. Desta maneira, o presente artigo tem como objetivo analisar a produção de conteúdo de cunho histórico, com tom revisionista, por meio de uma série de vídeos da organização/plataforma *Brasil Paralelo*, essa, pautada na análise teórica da produção e da divulgação historiográfica. Para isso, o presente estudo realizou, através de pesquisas teóricas bibliográficas, uma síntese da construção da História, como método de investigação do passado; na sequência, explorou-se as problemáticas envolvendo o período da Pós-Verdade, o revisionismo e o negacionismo histórico. O objeto de análise, em questão, trata-se de uma série de sete vídeos intitulado “Brasil: a Última Cruzada” que, além de assumir tom positivista, visa retratar uma narrativa alternativa da história. Trata-se de uma produção com finalidade educativa e afirma promover um revisionismo da história brasileira oficial. ¹Todavia o que nossa análise observou é que se trata de uma narrativa positivista com revisionismo sem base científica (fontes), bem como

* Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Licenciatura em História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2021. Banca examinadora composta por: Geovan Martins Guimarães, Doutor em Turismo e Hotelaria – Universidade do Vale do Itajaí. Professor Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Campus Tubarão; Ricardo Neumann, Doutor em História – UFSC. Professor Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.

** Acadêmica do curso História da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. E-mail: samira.sasahlm@gmail.com

*** Mestre em Ciências da Linguagem – UNISUL/ Doutoranda em História – UFSC. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

possui forte apelo a entrevistados que são considerados reacionários e conservadores. Tem-se, desta maneira, uma história que enaltece feitos de elites brasileira, ao passo que oculta, ou mesmo deprecia, acontecimentos históricos relacionados a minorias étnicas e raciais do Brasil.

Palavras-chave: Brasil Paralelo; Pós-Verdade; Revisionismo Histórico.

1 INTRODUÇÃO

Nem sempre as metodologias de produção e de interpretação do passado – usadas pela História – foram tais quais as que possuímos hoje. Na verdade, essas metodologias se dão a partir do resultado de um processo que ocorre há muito tempo, desde primórdios (com gregos e romanos) até a edificação da ciência na modernidade. O tempo, modificado pelos avanços da modernidade, torna-se mestre da busca e da construção do conhecimento histórico. Assim, a História, enquanto ciência, com seus métodos e critérios, busca narrar o passado pautado em fontes, em vestígios documentais, a fim de sustentar uma narrativa dele – passado – o mais fundamentada possível. Dentre tantos momentos e métodos para a produção historiográfica, alguns se destacaram perante suas contribuições mais recentes: o Positivismo (séc. XIX) e as correntes oriundas da Escola dos Annales (séc. XX).

O entendimento dessa metodologia é importante para perceber os processos de base científica exercidos na construção da História, evitar achismos, revisionismos baratos ou negacionismos quanto a fatos e a acontecimentos históricos. Nesse sentido, o contexto social e tecnológico contemporâneo propicia o bombardeamento constante de informações à sociedade, essas, muitas vezes, desconexas da realidade factual. Desta forma, esse contexto exige reflexões de quem vive nele acerca das bolhas sociais, dos posicionamentos extremistas, a partir dessa *nova* forma de ver e de entender a realidade no período da Pós-Verdade. É necessário, também, atentar-se aos conteúdos de cunho educativo que respondem mais a disputas narrativas e a projetos do poder.

Pautado nesse cenário que também atravessa a realidade brasileira, o presente artigo busca explorar e analisar as produções midiáticas do Brasil Paralelo, cujo foco central é a série de sete capítulos, intitulada *Brasil: a Última Cruzada*, em que apresenta, de forma cronológica, uma narração alternativa sobre a história do Brasil. Tal escolha torna-se pertinente, uma vez que se vive em tempos de Pós-Verdade, da qual cada pessoa sente-se confortável não apenas em ter sua própria opinião, mas também sua própria versão dos fatos, isto é, sua própria verdade.

O que acontece, por conta disso, quando se expande do nível individual e subjetivo para uma formação de opinião coletiva?

Nessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo geral analisar a produção de conteúdo de cunho histórico, com tom revisionista, do site Brasil Paralelo, pautado na análise teórica da produção e da divulgação da História. Para tanto, delimita-se como objetivos específicos: apresentar um abrangente conceitual acerca da produção, investigação e interpretação da História; apontar as problemáticas envolvendo o revisionismo e negacionismo em tempos de Pós-Verdade; problematizar os impactos sociais e conceituais com as mudanças de perspectivas e de relativização da verdade factual; relacionar a produção audiovisual de sete vídeos *Brasil: a Última Cruzada* produzidos pelo Brasil Paralelo, a partir das discussões quanto à produção de História, revisionismos, negacionismo e Pós-Verdade.

Os métodos de procedimentos selecionados para estruturar a pesquisa são o monográfico e o histórico. Vale ressaltar que o primeiro se deve à necessidade de um estudo contextualizado de determinadas condições, instituições, bem como grupos ligados direta ou indiretamente ao objeto de estudo. Além disso, o método de abordagem aplicado será predominantemente o indutivo, por meio da análise dos documentos, do documentário, dos dados e dos estudos realizados até presente momento. Esclarece-se, ainda, que as fichas, com os dados da análise de cada episódio, encontram-se nos anexos.

A pesquisa proposta para o artigo, quanto ao seu objetivo, será do tipo exploratória, pois proporciona “[...] maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses” (GIL, 2002, p. 41). Quanto aos procedimentos na coleta de dados, serão aplicadas as pesquisas do tipo bibliográfica e documental. A primeira decorre da necessidade de se fazer leituras, análises e interpretações de fontes secundárias (livros, revistas, jornais, monografias, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, doutrinas etc.). Ao passo que a segunda, baseia-se em fontes primárias ou documentais, uma vez que serve de base material ao entendimento da tese em questão. Pertence ao campo da hermenêutica, pois o documento deve ser analisado como se apresenta, e não como quer que se apresente. (MOTTA, 2012). O documento aqui analisado é constituído pela série de sete vídeos, sendo eles: 1 - A Cruz e a Espada; 2 - A Vila Rica; 3 - A Guilhotina da Igualdade; 4 - Independência ou Morte; 5 - O Último Reinado; Capítulo 6 - Era Vargas; 7 - 1964 - O Brasil entre armas e livros.

O artigo estrutura-se em três capítulos. Iniciamos com um resgate histórico da própria História, traçando, de forma sintética, seu percurso até o momento presente. O segundo capítulo destina-se a uma análise sobre a produção da “verdade” na contemporaneidade e seus

desdobramentos, com as disputas incessantes de narrativas, tanto em nível histórico quanto político, cultural e social. No terceiro capítulo, apresenta-se a análise feita dos vídeos da série *Brasil: a Última Cruzada*. Expõe, portanto, a narrativa histórica proposta, o uso ou ausência de fontes, a estratégia do apelo à autoridade, entre outros pontos presentes na série documental.

2 A TRAGETÓRIA E CONSOLIDAÇÃO DA HISTÓRIA ENQUANTO CIÊNCIA

*Eu vejo o futuro repetir o passado
Eu vejo um museu de grandes novidades.
O tempo não para.*

- Cazuza, *O tempo não para*, 1988.

Nesse capítulo busca-se apresentar a construção da História, desde seus primórdios até sua edificação como ciência (em uma perspectiva ocidental). Desta maneira, reafirma-se a necessidade de legitimar os critérios sobre os quais envolvem os processos de registro dos acontecimentos históricos.

Ao menos em algum momento da vida estudantil e/ou acadêmica, o estudante ou o acadêmico questiona-se sobre a origem do conhecimento que lhe é apresentado. Logo, esse é um problema decorrente no processo de educação formal, quando se aponta o resultado, porém sem ilustrar o trajeto percorrido para obtê-lo. Como saber se, no dia 7 de setembro de 1822, Don Pedro I às margens do rio Ipiranga (ainda que no resgate histórico as circunstâncias não eram as mais adequadas, mas a necessária) gritou “independência ou morte”? Como se chega a esse e a todos os outros conhecimentos históricos? Como saber se é seguro confiar em métodos nos quais buscam resgatar conhecimentos até então engolidos pelo tempo? Talvez, se fosse possível saber que a produção do conhecimento histórico deve ser pautada em critérios científicos, poder-se-ia haver menos propensão em acreditar em distorções e negacionismos vendidos como verdades históricas.

Ainda que seja também uma construção narrativa, ao contrário da literatura, a História não possui licença poética. Embora apresente a possibilidade de distintos olhares, focos ou pontos de partida para análise dos cenários, de modo geral, o que torna a História, passível de credibilidade científica, é sua construção pautada em fontes verificadas e autênticas.

Voltado a uma descrição mais poética, Eduardo Galeano refere-se à história como “um profeta com o olhar voltado para o passado, pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.”. Já nas palavras de Marc Bloch

a palavra “história” é uma palavra velhíssima, tão velha que houve quem se cansasse dela. [...] A palavra não proíbe, de antemão. Nenhuma direção de pesquisa, quer deva orientar-se de preferência para o indivíduo ou para a sociedade, para a descrição das coisas ou para a indagação dos elementos mais duradouros; ela não contém em si mesma nenhum credo; não obriga, consoante a sua etimologia primeira, a outra coisa além da “investigação. Decerto a palavra, desde que apareceu, há já mais de dois mil anos, na boca dos homens, mudou muito de conteúdo. (BLOCH, 1997, p.24)

Propondo uma ordem cronológica de eventos, a mais antiga narrativa encontrada e que possui características históricas remete à Heródoto no século V a.C, na qual ele apresenta muitas das características e das descrições históricas acerca do Egito que conhecemos hoje. Tratando-se de historiadores gregos, Heródoto não estava sozinho, dentre outros nomes nos quais se destacam ainda na Antiga Grécia, estão Tucídides (séc. V a.C) e Políbio (séc. II a.C). Essas três figuras juntas teriam “inventado” um modo de investigar o passado de forma metódica, algo típico da tradição ocidental da época. A criação do Método Histórico, pelos antigos gregos, caminhou ao encontro da construção da história enquanto ciência. A partir de Heródoto, os historiadores gregos posteriores já entendiam a História como uma forma de investigar o passado (PARENTE; SANCHES, 2009).

Sobre a concepção e a função de história para os antigos gregos, Montalvão (2003, p. 116) afirma que “(...) por seu intermédio, era possível salvar do esquecimento os feitos de um homem marcado pela mortalidade de sua existência. História e memória concorriam para o mesmo objetivo: a imortalidade, salvando alguns feitos humanos do esquecimento.”

Apesar de influenciados pelos historiadores gregos, os romanos adicionaram à sua visão um espectro moral e patriótico. Dentre eles, destacavam-se Tito Lívio (séc.I a.C) e Tácito (séc.I d.C), ambos compartilhavam o entendimento de que na História encontrariam lições das quais passariam ensinamentos, voltadas, de forma pragmática, à moral do Homem; o que, na verdade, não visava antecipar fatos, mas sim entender a motivação moral pelos desdobramentos. (PARENTE; SANCHES, 2009, p.32).

Além das influências greco-romanas na formação da história como metodologia de pesquisa do passado no ocidente, houve, também, pensadores da cultura latina da antiguidade que contribuíram significativamente para a construção da História. Dentre esses, destacam-se Eusébio de Cesareia e Santo Agostinho, os dois contribuíram para a construção e compreensão da metodologia da história ocidental.

Adentrando à Idade Média europeia (séc.V à XV d.C), com a ascensão do cristianismo e a intenção de legitimar a visão de mundo religiosa para a sociedade e para seus diferentes setores, nota-se um investimento da salvaguarda e da disseminação do conhecimento por meio da educação. Para tanto,

a compreensão do passado era alcançada através da cultura filosófica e religiosa. Desvelar os acontecimentos passados significava conhecer e registrar a magnificência divina. Dois tipos de narrativas sobre os tempos passados surgiram no período medieval: as narrativas produzidas nos mosteiros e as narrativas produzidas em torno dos reis e seus feitos. Em ambas, as características religiosas se faziam presentes. (PARENTE; SANCHES, 2009, p.35)

Embora grande parte do conhecimento produzido neste período esteja atrelado ao divino, fez parte de um percurso para o que sucederia, posteriormente, tanto no período da Modernidade quanto da Pós-Modernidade/Contemporaneidade. Foi a partir do século XIX, em meio a um cenário onde diversas áreas do conhecimento se solidificavam como ciência, que a História adquiriu tal feito também.

Devemos destacar, principalmente, as correntes filosóficas e doutrinárias que desenvolveram uma preocupação com a elaboração de um método científico para ser aplicado ao conhecimento da realidade social, dentre elas, o positivismo, o marxismo e o evolucionismo. A História incorporou vários conceitos e procedimentos destas doutrinas filosóficas. (PARENTE; SANCHES, 2009, p.37)

A História, enquanto ciência, preocupou-se na duração das coisas e das ações do Homem. Assim, o tempo, modificado pelos avanços da modernidade, torna-se mestre na busca e na construção do conhecimento histórico. Isso se dá para pessoas, civilizações, sociedades, costumes e para o método da própria História que estuda a passagem do ser humano pelo tempo. A “Ciência dos homens, dissemos nós. É ainda muito vaga. Temos de acrescentar: dos homens no tempo. O historiador não pensa apenas o humano. A atmosfera em que o seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração.” (BLOCH, 1965, p.29).

Ao longo da sua consolidação enquanto ciência, os métodos de coleta de dados e informações modificaram-se, cada qual com seus prós e contras. Com isso, é importante entender a História como uma ciência com métodos e critérios os quais buscam narrar o passado pautado em fontes, vestígios, documentos que sustentem tal narrativa. Dentre tantos que surgiram, dois momentos e métodos para a produção historiográfica se destacaram perante suas contribuições, sendo eles o Positivismo (séc. XIX) e as correntes oriundas da Escola dos Annales (séc. XX).

O positivismo, tendo Auguste Comte como um dos mais famosos precursores, sugeriu, entre outras coisas, na metodologia de pesquisa histórica, a investigação por meio de documentos oficiais apostando na segurança desses.

No campo das ideias, originou-se daí o chamado pensamento positivista, através dos escritos de Condorcet, Saint-Simon e Auguste Comte, este último considerado o fundador dessa concepção, que visava, principalmente, a redução das diferenças, das contradições sociais no século XIX. Partindo do pressuposto de que nenhuma concepção pode existir fora de sua historicidade, pois todo pensador estabelece

um diálogo com seu tempo, esse objeto será discutido no contexto histórico em que essas concepções se desenvolveram. (FAUSTINO; GASPARIN, 2001, p.157)

Ainda, segundo Faustino e Gasparin (2001), por estar em alta o uso da racionalidade independente de dogmatismos religiosos, além dos progressos materiais, libertários e expressionista, buscavam-se, cada vez mais, teorias que contemplassem explicações racionais do real. Sobre isso, Comte diz que:

É nas leis dos fenômenos que consiste realmente a ciência, à qual os fatos propriamente ditos, por mais exatos e numerosos que possam ser, nada mais fornecem do que os materiais indispensáveis. (...) a verdadeira ciência, longe de ser formada de simples observações, tende sempre a dispensar, tanto quanto possível, a exploração direta, substituindo-a por essa previsão racional, que constitui a todos os respeito, o principal caráter do espírito positivo. (...) O verdadeiro espírito positivo consiste sobretudo em ver para prever, em estudar o que é a fim de concluir o que será, segundo o dogma geral da invariabilidade das leis naturais (COMTE, 1978, p. 77).

A escola de pensamento positivista buscava o reconhecimento legítimo da verdade factual pela seleção de um grande número de fatos, apoiados em documentações oficiais, através da retirada de informações para não só a compreensão do passado, como também do presente. Movido por um sentimento de época, que buscava a elaboração de metodologias científicas mais concretas, não se percebeu que a análise, unicamente pautada em documentos oficiais, poderia também estar equivocada ou incompleta, ser adulterada ou estar enviesada. Por conta disso, era importante um questionamento criterioso sobre essas fontes, ou poderiam empobrecer a busca pela verdade objetiva.

Já no século XX, com o surgimento da Revista dos Annales (1929), emergiu uma nova proposta de entender e de registrar a História. Impulsionada por Marc Bloch e Lucien Febvre, ao considerar Positivismo e demais correntes utilizados até então como incompletos e/ou reducionista, propuseram um método diferenciado para a construção do saber que visava ser mais abrangente.

Para se firmar como corrente historiográfica dominante na França, e estender posteriormente sua influência a outros países da Europa e também da América, os fundadores e consolidadores dos Annales precisaram estabelecer uma arguta e impiedosa crítica da historiografia de seu tempo – particularmente daquela historiografia que apodaram de História Historizante ou de História Eventual – buscando combater mais especialmente a Escola Metódica Francesa e certos setores mais conservadores do Historicismo. Os Annales, em busca de sua conquista territorial da História, precisavam enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. (BARROS, 2010, p.5)

Segundo Burker (1992), a Escola dos Annales visava substituir a narrativa tradicional por uma história-problema, assim como incluir uma investigação mais abrangente

envolvendo outras atividades humanas e não somente a política. Para completar, objetivava, também, um trabalho conjunto com outras disciplinas, como geografia, psicologia, antropologia, entre outras.

Em virtude disso, tem-se um movimento de busca não apenas de um meio cada vez mais completo de investigação do passado, mas também da adição de uma nova proposta que visa um olhar mais amplo para o entorno, no que diz respeito às outras áreas de conhecimento. Estabelecendo, por conseguinte, um trabalho, em conjunto e colaborativo com outras disciplinas, pode-se obter um olhar mais aguçado para o cenário como um todo. Esse movimento dos Annales, possibilitou a construção de outras correntes de investigação, bem como a História Nova.

O movimento da *Nouvelle Histoire*, inaugurado na França pela Escola dos Annales, constitui certamente uma das influências mais emblemáticas e duradouras sobre a Historiografia Ocidental. A expressão “Nouvelle Histoire” aqui estará sendo empregada em seu sentido ampliado, que inclui tanto a Escola dos Annales propriamente dita como a corrente a que, a partir dos anos 1970, muitos se referem também como *Nouvelle Histoire*, em sentido mais restrito. (BARROS, 2010, p. 2)

Esse processo mostra inúmeras mudanças metodológicas, envolvendo tanto os critérios e os métodos relacionados à história, bem como uma proposta que leva em conta a crítica da fonte, a verificabilidade, quer dizer, todos os processos necessários à validação do conhecimento histórico.

No que concerne à produção científica, ela é feita de tentativas, erros, acertos, teses e antíteses. É perceptível, deste modo, a contínua inconstância nas metodologias de busca e na construção de conhecimento, principalmente nos que se apegam ao pragmatismo científico. Além do mais, embora essas mudanças - as inúmeras construções e reconstruções - possam parecer confusas credibilidade às vezes questionáveis, isso faz parte da construção do conhecimento, especialmente, a partir do momento que é pautado em critério científicos. Isso porque, muitas vezes, tem-se a limitação do tempo, das tecnologias e/ou de possibilidade locais. Porém, à medida que se avança naquilo que se limita, amplia-se as fronteiras de possibilidades, seja por meio de um novo método, uma nova teoria e uma nova descoberta ou por meio de novos vestígios até então desconhecidos.

Portanto, revisar é preciso. Isso porque se trata de um movimento importante na construção do saber. Todavia, vale ressaltar, que deve ser feito com responsabilidade e com ética dentro de métodos científicos. É importante reforçar tal ponto de vista, pois, sob um falso pretexto e utilizando desta argumentação, o revisionismo barato pode se tornar negacionismo,

e, embora pareçam dois lados extremamente opostos, as fronteiras que os dividem (principalmente nas informações corriqueiras do cotidiano) são perigosamente estreitas.

Deve-se, nesse sentido, ter cuidado com produções revisionistas da história sem critérios, sem fontes verificadas ou mesmo sem fontes. Isso porque, na contemporaneidade, é comum se deparar com fenômeno que atinge, também, a produção historiográfica: a Pós-Verdade. Aliás, em tempos de pós-verdade, cada pessoa aparenta ter uma opinião particular sobre todos os assuntos, ainda que não tenham conhecimento embasado sobre eles.

Bolhas sociais e culturais sempre existiram, discordâncias e divergências de opiniões também, no entanto, por algum motivo, isso se intensificou nas últimas décadas, ao ponto de cada qual ter sua própria verdade e defendê-la, muitas vezes, de forma extremista. Conseqüentemente, revisionismo e negacionismo se tornaram palavras comuns do cotidiano, embora quase não distinguíveis à primeira vista, em seu ápice, assume a forma de anticiência, tornando-se, assim, uma afronta direta a qualquer área que busca zelar pela produção de conhecimento embasada nos parâmetros rigorosos da ciência. Mas como isso afeta a sociedade? Como essa crescente onda de descrença nas instituições de pesquisa e de ensino a afetam a produção e o ensino da História?

3 CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO EM TEMPOS DE PÓS-VERDADE

Alegações extraordinárias exigem evidências extraordinárias.
- Carl Sagan. “Manchete”, Edições 2309-2317
– p.128, Block Editores, 1996.

Atualmente, vive-se a Era da Informação. A cada instante, as notícias bombardeiam a sociedade: uma enxurrada de manchetes incessantes afirmando algo “extraordinário”. Mas toda essa informação seria sinônimo de conhecimento? Que tipo de conhecimento seria? Busca-se a mais próxima verdade coletiva minimamente embasada em fatos? Ou, simplesmente, busca-se a versão que reafirma visão de mundo e de realidade de cada um?

Hoje, com a presença já significativa das tecnologias de comunicação digitais e interativas no dia-a-dia, a ideia de uma separação entre vida cotidiana e meios de comunicação se dilui ainda mais; o que, crescentemente, se revela como fundamental na dinâmica sociocultural são circuitos comunicacionais ou intensos deslocamentos de fluxos de sentidos que se valem de recursos midiáticos. Assim, não apenas a mídia mas o campo da comunicação como um todo, entendido como o grande espaço de construção e circulação de sentidos e informações – e, portanto, de construção de

realidades simbólicas, imateriais – desempenha esse papel-chave fascinante de constituir-se em ambiente por excelência de construção da realidade contemporânea. (HERSCHMANN; PEREIRA, 2002, 29-30)

A maioria das informações, das quais pessoas com acesso à tecnologia possuem, advém principalmente das mídias alternativas (redes sociais, plataformas de vídeos etc). Essas deslocam os indivíduos a um novo tópico de atenção, pois são conduzidas pelos seus próprios algoritmos de preferência que isolam as pessoas cada vez mais na perspectiva pessoal de cada um, logo, contraponto às narrativas “consensuais”. Michiko Kakutani (2018), em seu livro *A Morte da Verdade*, pontua que, a partir da década de 1960, com a ebulição das Guerras Culturais, houve o favorecimento ainda mais relevante da perda de confiança nas instituições e nas narrativas oficiais. Embora tal ceticismo tivesse sido/é necessário, com a democratização das informações - ainda mais nas últimas décadas – ocasionou-se, também, uma crescente onda de relativismo e desinformação, agravada pela abundância de notícias falsas.

Kakutani ainda analisa circunstâncias da verdade nas sociedades atuais e pontua que, apesar de o foco de sua análise ser os EUA e a “era Trump”, é bem abrangente a outras nações. Sobre esse isolamento socializado das bolhas sociais que a internet proporciona, bem como momento de polarizações ideológicas, afirma que

o nacionalismo, o tribalismo, a sensação de estranhamento, o medo de mudanças sociais e o ódio aos estrangeiros estão novamente em ascensão à medida que as pessoas, trancadas nos grupos partidários e protegidas pelo filtro de suas bolhas, vêm perdendo a noção de realidade compartilhada e a habilidade de se comunicar com as diversas linhas sociais e sectárias. (KAKUTANI, 2018, p.10).

Divergências de ideias e de opiniões – quando ponderadas e respeitando os limites éticos e constitucionais – compõe uma sociedade democrática e, para tal, são também necessárias. Isso envolve desde discussões na internet até escolhas e debates políticos.

A polarização elevada a um nível extremista, em que tudo (mesmo que moralmente condenável) é cogitado como viável para defender determinado ponto de vista, pode contribuir para a destruição das normas democráticas. Quando diferenças econômicas, raciais e religiosas dão lugar ao sectarismo extremo, situação em que as sociedades se dividem em campos políticos cujas visões de mundo não são apenas diferentes, mas mutualmente excludentes, torna-se difícil sustentar a tolerância (LEVITSKYY; ZIBLATT, 2018, p.115).

Essa perda da noção de realidade compartilhada, bem como os posicionamentos extremistas estão cada vez mais comuns tanto nas esferas culturais e sociais como nas políticas. Isso, muitas vezes, eleva-se além das divergências de opiniões, pois indica um movimento que

crece gradualmente, em que cada pessoa entende sua opinião como verdade pessoal, mesmo que não haja indicativo concreto e minimamente embasado para sustentá-la.

Nesse sentido, Kakutani (2018) discorre sobre o fato de se localizar na *web* uma gigantesca quantidade de fatos e de factoides que acabam sendo tentadores tanto para leigos como acadêmicos. Com o propósito de reunir materiais para fortalecer suas opiniões e teorias, isso se torna uma alternativa à busca por evidências empíricas e por conclusões fundamentadas de forma lógica e racional.

Esse movimento nos distancia, cada vez mais, do diálogo plural e/ou embasado em fatos sólidos e, principalmente, das divergências saudáveis de ideias, seja nos aspectos políticos, religiosos, sociais, econômicos, educacionais, culturais. Sobre isso, Carl Sagan, cientista e entusiasta da divulgação científica, em seu livro *O Mundo Assombrado Pelos Demônios*, corrobora com o entendimento deste cenário ao dizer que

todos nós acalentamos as nossas crenças. Em certo grau, elas definem o nosso eu. Quando aparece alguém que desafia o nosso sistema de crenças, declarando que sua base não é suficientemente boa – ou que, como Sócrates, faz perguntas embaraçosas em que não tínhamos pensado, ou demonstra que varremos para debaixo do tapete pressupostos subjacentes de importância capital -, tal fato se torna muito mais do que uma busca do conhecimento. Nós o sentimos como um ataque pessoal. (SAGAN, 2006, p.337).

Na mesma linha de raciocínio, só que por meio de uma análise da psicopolítica e da pós-verdade, outro ponto a ser explorado é as emoções. Isso porque elas interferem diretamente na construção de uma verdade pessoal da qual é independente de qualquer constatação lógica ou externa a do indivíduo. Esse tipo de verdade é protegido por um simulacro apoiado nas emoções; contudo se difere da mentira costumeira baseada na dissimulação. Essa nova versão, encorajada de autoverdade, é denominada atualmente de Pós-Verdade. (JUSTO; FREITAS, 2018, p.160).

Na busca constante por acalantar e autoafirmar visões e convicções de mundo, bem como por relativizar a verdade e por aprofundar as bolhas sociais, o indivíduo, cada vez mais, distancia-se de um consenso coletivo básico. Tal prática se dá há muito tempo, pois

[...] o relativismo está em ascensão desde o início das guerras culturais, na década de 1960. Naquela época, ele foi abraçado pela Nova Esquerda, ansiosa para expor os preconceitos do pensamento ocidental, burguês e primordialmente masculino; e por acadêmicos que pregavam o evangelho do Pós-Modernismo, que argumentava que não existiam verdades universais, apenas pequenas verdades pessoais – percepções moldadas pelas forças sociais e culturais de um indivíduo. Desde então, o discurso relativista tem sido usurpado pela direita populista, incluindo os criacionistas e os negacionistas climáticos, que insistem que suas teorias sejam ensinadas junto com as teorias “baseadas na ciência. (KAKUTANI, 2018, p.17)

Esse relativismo é visto gradativamente mais exacerbado quando um consenso social, político e/ou científico forte e consolidado. Isso, pois, tal consenso é considerado social e politicamente semelhante a ideia ou a verdade pessoal incorporada por determinados grupos. A exemplo, didaticamente, disso, tem-se a busca por relevância educacional e midiática sobre “teoria” da Terra Plana. Quando a verdade é maleável ao formato que melhor convém a determinados grupos, a noção de verdade coletivamente compartilhada se vê frágil e sem ideia mínima de consenso. A própria verdade (ou algo que se aproxime dela), dessa maneira, passa a ficar ameaçada, isto é, em perigo.

O pós-modernismo assume um papel na desconstrução dos fatos e das verdades. Kakutani (2018) diz que existem diversas linhas do Pós-Modernismo, mas que, no geral, o argumento defendido é a negação da existência de uma realidade objetiva, livre das diferentes percepções e características individuais, como classe, gênero, entre outras variantes. Assim, ao rejeitar a ideia de uma realidade objetiva, substituída pelo entendimento de que tudo se transforma de acordo com as diferentes interpretações e perspectivas, o Pós-Modernismo teria consagrado o princípio base da subjetividade. “Abaixo a ideia de consenso. Abaixo a visão da história como uma narrativa linear. Abaixo as grandes metanarrativas universais ou transcendentais” (KAKUTANI, 2018, p.56).

Embora seja de entendimento geral que o conhecimento acadêmico tende a se basear e fundamentar nos princípios científicos desde sua investigação até sua conclusão, com grande frequência, ele se defronta com narrativas e vieses de outras formas de conhecimento. A exemplo disso, tem o conhecimento o religioso, o senso comum, entre outros.

O argumento pós-moderno de que todas as verdades são parciais (e dependem da perspectiva de uma pessoa) levou ao argumento de que existem diversas maneiras legítimas de entender ou representar um acontecimento. Isso tanto encorajou um discurso mais igualitário quanto possibilitou que as vozes dos outrora excluídos fossem ouvidas. Mas também foi explorado por aqueles que quiseram defender teorias ofensivas ou desacreditadas, ou equiparar coisas que não podem ser equiparadas. Os criacionistas, por exemplo, reivindicam que a teoria do “design inteligente” fosse ensinada juntamente com a teoria da evolução das espécies nas escolas. (KAKUTANI, 2018, p.87).

Há várias formas de conhecimento, normalmente cada qual se aplica melhor a uma determinada situação ou a um determinado local. Portanto, não se configura como criação do período da pós-verdade. Porém assume uma face distinta atualmente, pois essas diferentes narrativas têm disputado por igual credibilidade, mesmo que o ambiente não abra espaço, a princípio, para tal parcialidade, principalmente, em relação ao senso comum e à religião, na contrapartida do conhecimento histórico e científico.

Carl Sagan (2006) discorre sobre esse movimento crescente que coloca em risco não só a construção do conhecimento científico, mas também sua credibilidade perante a sociedade leiga e/ou intelectual. Deste modo, cria-se um movimento perigoso quando se permite que a “teoria” da Terra Plana caminhe como uma contraproposta considerada autossuficiente em premissas científicas, em relação às teorias geográficas já consumadas as quais apontam (de forma empírica e muito bem fundamentada) o oposto. Isso vale para construir e divulgar qualquer conhecimento construído pelos critérios científicos, incluindo a História.

Nessa toada, voltando sua preocupação para construção do saber histórico, Sagan (2006) afirma que, durante muito tempo, a ciência fica sob uma linha de fogo. Além disso, sua preocupação não se ateve apenas às pseudociências, mas também ao que intitulou de anti-ciência. O autor, ademais, expressa preocupação referente a uma ideia que ganhava força, em que a erudição acadêmica, bem como a ciência seriam demasiadamente subjetivas, e isso também se aplicaria à História. Assim, alerta que

a história em geral é escrita pelos vencedores para justificar suas ações, para despertar o fervor patriótico, e para eliminar as reivindicações legítimas dos vencidos. Quando não se dá nenhuma vitória esmagadora, cada lado redige relatos autopromocionais acerca do que *realmente* aconteceu. As histórias inglesas criticavam com severidade os franceses, e vice-versa; as histórias dos Estados Unidos até bem pouco tempo ignorava as políticas reais de *lebensraum* (espaço vital) e genocídio para com os norte-americanos nativos; [...]; os historiadores soviéticos pretextavam que as tropas soviéticas que reprimiram as revoluções húngaras (1956) e tcheca (1968) não foram convocadas por agentes russos, mas por aclamação do povo nas nações invadidas; [...] (SAGAN, 2006, p.291 - 292).

É perceptível que essa relativização levada ao extremo pode não só promover uma revisionismo, como também beirar, se malconduzido, a um negacionismo histórico. Assim como os exemplos citados acima, em uma reconstrução dos fatos supostamente ocorridos, esses podem ser moldados, à forma quem bem convém, a quem se interessar. As verdades individuais e as disputas de opinião questionam o conhecimento produzido a partir de critérios, assim como validam o conteúdo apresentado de forma rasa, amiúde, sem fonte e respondem a projetos de poder de determinados grupos.

Hobsbawm, em seu livro *Sobre a História*, expressa-se sobre as fronteiras da relativização ao dizer que

em resumo, acredito que sem a distinção entre o que é e o que não é assim, não pode haver história. Roma derrotou e destruiu Cartago nas Guerras Púnicas, e não o contrário. O modo como montamos e interpretamos nossa amostra escolhida de dados verificáveis (que pode incluir não só o que aconteceu mas o que as pessoas pensaram a respeito) é outra questão. (HOBSBAWM, 1998, p.6).

Há, portanto, segundo Hobsbawm, essa diferença entre o fato ocorrido e a forma como se interpreta. É como se houvesse uma grande quantidade possibilidades e pontos de partida para contar determinado conhecimento, fato ou acontecimento, só que há a necessidade, independente de qual caminho seja escolhido, de transcorrer o mais próximo possível de uma verdade factual. Desse modo, o fato em si ocorreu, não é possível uma história na qual Cartago derrotou Roma nas Guerras Púnicas, incorrer a isso é incorrer ao negacionismo.

Em meio a disputas de narrativas, imersas em um turbilhão de informações – muitas vezes de cunho duvidoso e em grande parte enviesado –, encontram-se as pessoas, as quais, nem sempre, possuem uma formação crítica suficiente para analisar as informações que chegam até elas. Assim, aliado ao negacionismo, que atinge as mais variadas áreas do conhecimento, o revisionismo fajuto da História ganha, reiteradamente, mais espaço e força. Esse revisionismo da História responde a projetos de poder os quais, também, buscam, nos espaços de educação, legitimar, suas narrativas como verdadeiras ou elucidativas.

Essa guerra de informações é disputada em diversas formas, seja em *posts* em redes sociais, seja em programas enviesados na TV ou, até mesmo, seja em máscaras como uma proposta educativa em vídeos e em documentários supostamente despretensiosos e de motivação legítima com a verdade. Vale ressaltar que não são apenas projetos realizados em fundo de garagem, pelo contrário, grande parte deles investem em gigantescas produções e metas de divulgação.

Logo, a informação assume o corpo de uma narrativa, essa quase automaticamente é vista como conhecimento. A questão é: a quem interessa o poder sobre tal narrativa? Dominação política e cultural? Sociedades secretas e teorias conspiratórias? Por que e para quem essas realidades paralelas são forjadas? Essas e outras questões serão analisadas e contextualizadas ao longo do próximo capítulo.

4 BRASIL PARALELO: REVISIONISMO HISTÓRICO COMO MATERIAL EDUCATIVO

A verdade raramente é pura e jamais é simples.
- Oscar Wilde

Não é incomum que, cada vez mais, conteúdos educativos, publicados e impulsionados em redes sociais ou mídias alternativas, sejam vistos com frequência pelas pessoas que estão inseridas nesses espaços. Esses conteúdos são facilmente acessados por quem

desejar ter acesso a esses recursos tecnológicos. Vale destacar que, os usuários, em maioria, são estudantes nos seus vários estágios da vida escolar e acadêmica. Em grande parte, esses meios alternativos da educação não formal são benéficos, isso quando eticamente produzidos e transmitidos. Entretanto, ao mesmo tempo em que serão encontrados produtores de conteúdos conscientes de suas responsabilidades para com aqueles que os assistem, também se tem aqueles que, sabendo do impacto de seus conteúdos, podem torná-los tendenciosos, a fim de impulsionar suas intenções e seus objetivos de imposição narrativa de um determinado grupo.

Neste contexto de produção de conteúdo, que possui grande desenvoltura midiática (por conta de investimentos substanciais em propaganda e divulgação), o presente artigo irá analisar a produção revisionista da Brasil Paralelo. Essa plataforma possui site próprio, bem como um canal no YouTube, em que durante o período de desenvolvimento desta pesquisa, encontra-se com 1,8 milhões de inscritos. Segundo informações retiradas do próprio site, as produções são autodeclaradas como cunho educativo o qual busca narrativas alternativas que visam um “justo” revisionismo histórico, bem como luta para resgatar e transmitir o que foi negado/obstruído na educação formal.

Mas afinal, qual seria a mensagem que a plataforma pretendia passar ao escolher este nome, Brasil Paralelo? Em seu próprio site, eles apresentam uma explicação para tal escolha. Eles afirmam que

o nome Brasil Paralelo não tem nada a ver com uma proposta para o Brasil. Não somos nenhum movimento político. Somos, inclusive, apartidários, apesar dos ataques que recebemos e de inúmeras “fake news” dirigidas contra nós. O nome é uma referência a um modo de agir, totalmente independente do estado. Afinal, duas retas paralelas nunca se encontram. (BRASIL PARALELO, 2020)

O Brasil Paralelo surgiu em 2016, fomentado pela onda crescente de movimentos contra o, então, governo Dilma, bem como as crescentes manifestações e os protestos contra o governo e a favor de mudanças políticas. Assim, Henrique Viana, juntamente com seus dois colegas, Felipe Valerin e Lucas Ferrugem, fundaram o canal Brasil Paralelo. Viana, Valerin e Ferrugem, desde o princípio, assumem a linha de pensamento de Olavo de Carvalho (entrevistado com grande recorrência nos documentários), ou seja, uma história (re)escrita pela ótica olavista. Esse projeto teria começado como um pequeno negócio, algo estilo fundo de garagem, que, no entanto, já assumiu sua sede na Nobre Vila Olímpia, em São Paulo. Tanto em seu canal no YouTube quanto em seu próprio site, a plataforma disponibiliza vários vídeos e conteúdos com visão de direita e que, embora se intitulem imparciais, apartidários e revisionista, em alguns momentos, aproxima-se mais ao negacionismo.

Ainda, segundo os produtores, o Brasil Paralelo se manteria basicamente através de assinantes, que se tornam membros e têm acesso a materiais exclusivos. O plano básico, denominado de Membro Patriota, custa dez reais, enquanto a assinatura Premium custa quarenta e nove reais mensais. No entanto, este diferencial a mais no valor permitir acesso a outra ferramenta educacional, o que se intitula como núcleo de formação, que basicamente são cursos, novamente, com vieses da direita. Sobre a fonte de renda, a plataforma afirma que é

uma empresa de mídia, privada e 100% independente. [...] Os assinantes tornam-se membros da Brasil Paralelo, acessando conteúdos exclusivos e fazendo formações por meio de cursos especiais do Núcleo de Formação. Oferecemos cursos de história, economia, filosofia, ciência política, arte e educação. (BRASIL PARALELO, 2020)

Segundo dados extraídos da entrevista à Gazeta do povo, Henrique Viana revela “(...) que o número de membros de sua plataforma online aumenta em ritmo muito veloz, especialmente nos últimos meses: entre dezembro de 2019 e setembro de 2020, houve um salto de 15 mil para 112,1 mil assinantes.”

Como os próprios produtores não negam favoritismo às ideologias olavistas, seus conteúdos seguem um padrão carregado de revisionismo histórico, assim como uma recorrente disputa de narrativas. O que eles expõem como um temeroso “marxismo cultural” que assombra nossa sociedade. Essa linha discursiva ecoa com grandeza no bolsonarismo, e tem grande adesão à família Bolsonaro, segundo um levantamento do Jornal Estadão (2020), em 2017, Eduardo Bolsonaro, filho de Jair Messias Bolsonaro, fez sessenta e nove postagens sobre a produtora em suas redes sociais digitais. Durante a campanha presidencial de 2018, Jair Bolsonaro também usou um vídeo da plataforma Brasil Paralelo sobre as urnas eletrônicas, para atacar o sistema eleitoral.

Tanto Jair quanto Eduardo Bolsonaro já foram entrevistados pelo Brasil paralelo. Além das relações pessoais, o Brasil Paralelo, em 2019, assinou um contrato de três anos com a TV Escola, cedendo a série, *Brasil: a Última Cruzada*, com o objetivo de (re)contar a história brasileira, consoante a uma perspectiva mais positivista e a partir de um espectro da direita (embora no início dos episódios digam não seguir nenhuma linha ideológica).

Devido ao seu conteúdo histórico, à inserção, bem como à venda de um material educativo, o presente artigo analisa a série *Brasil: a Última Cruzada*. Assim, a análise foi realizada a partir dos sete episódios que a compõem, sendo os seis primeiros categorizados como documentário e o último integrando a série classificando-se como filme. Realiza-se, dessa forma, uma ficha de observação de cada episódio, sendo observados pontos como: o tempo de duração; os/as entrevistados/as, os seus currículos e os locais de fala; os pontos contraditórios

às narrativas oficiais históricas; as visões ideológicas e os vieses teóricos do conteúdo apresentado.

A partir dessa análise, apresenta-se alguns pontos relacionado aos itens anteriores em cada episódio. Vale destacar que, ao final desse capítulo, discorre-se, de forma geral, sobre a série, correlacionando à teoria discutida nesse artigo.

A série Brasil: a Última Cruzada, descrita no site como o maior resgate histórico já produzido sobre o nosso país, é composta por sete capítulos, sendo os 5 primeiros focados no período do Brasil colônia, império e república; o sexto capítulo trata da Era Vargas e o último assumindo um formato de filme, trata sobre a Ditadura Civil Militar Brasileira. Os episódios possuem duração entre 51 e 120 minutos, sendo o primeiro episódio com menor duração e o último com maior, os demais se modificam dentro desse intervalo. Ao todo, foram assistidas a 9 horas e 3 minutos de conteúdo. Embora em cada episódio trate de temas diferentes, a série busca seguir uma ordem cronológica da história brasileira. Isso porque os vídeos possuem uma lógica: padrão de falas generalistas com constante apelo à autoridade. Essas, representadas por supostos especialistas, alguns recorrentes em quase todos os capítulos, apresenta inconformidade com a história ensinada através da educação formal, buscando trazer como histórias falsas e enviesadas, bem como falas apelativas sobre a busca pela verdade escondida ou omitida, propondo um resgate da história verdadeira.

Entre os nomes que aparecem como entrevistados alguns são mais recorrentes que outros durante os episódios; como por exemplo, estão: Bertrand de Orleans e Bragança, é bacharelado em Direito; Luiz Philippe de Orleans e Bragança, cursou Administração de Empresas com ênfase em Finanças, obteve Mestrado em Ciência Política e Mestre em Administração de Negócios, sendo estes dois primeiros, integrantes da extinta família real brasileira; Alberto da Costa e Silva, diplomata pelo Instituto Rio Branco; Marcus Boeira, graduado em Direito e Doutor em Direito; Leandro Narloch que é escritor e jornalista, autor do livro "Guia Politicamente Incorreto da História do Brasil"; Olavo de Carvalho, astrólogo e escritor; Percival Puggina escritor e jornalista; Valdirene Ambiel, historiadora de formação e Mestre em Arqueologia, ela é a primeira mulher a compor o corpo de entrevistados; entre outros.

No primeiro episódio, denominado como *A Cruz e a Espada*, os relatos dos *especialistas* enaltecem constantemente a coragem e heroísmo dos colonizadores; assimilam a conquista pelos visigodos ao desarmamento dos romanos, muito semelhante às discussões atuais sobre a *política de desarmamento* no Brasil. Além disso é possível identificar falas agressivas contra o islamismo e a povos muçulmanos (embora possa parecer que estavam se

referindo a momentos passados, deixam implícito como se fosse uma crítica atual). A exemplo disso, tem-se a fala do Olavo de Carvalho ao afirmar que “(...) nem os romanos fizeram tanta devastação quanto os muçulmanos fizeram”. Ocorre, ademais, o enaltecimento do papel da Igreja Cristã na conquista do Novo Mundo, além de uma visão reducionista e seletiva, sempre arraigada a visão de história e mundo que desejam passar.

As sutilezas vão se diluindo a cada capítulo/episódio, como na fala de início do segundo capítulo denominado *A Vila Rica*, com o narrador (Filipe Valerin) dizendo que:

Por décadas destruíram nosso patriotismo. Através das escolas e da mídia nos fizeram acreditar que somos um povo fadado ao fracasso, que não temos virtude. Ideologias perversas contaminaram o imaginário popular causando danos incalculáveis à jovens que hoje estão perdidos e sem norte. A nossa resposta está sendo imediata, distribuindo o antídoto em cada canto do país, para todos os brasileiros, nossos documentários são criados para despertar a consciência e o patriotismo de qualquer pessoa. (VILA RICA, 2017, 00:00 – 00:31 min)

Em certo momento, Leandro Narloch (um dos entrevistados) diz que “(...) a América ficou isolada, e acontece muito com sociedades humanas, quando ficam isoladas ela emburrece, fica pobre culturalmente”. Mas emburrecimento em que sentido? Qual seria a concepção de cultura ao ponto de se colocar no lugar de julgar outros povos como aculturados? A cultura é orgânica, bem como está em constante movimento. Logo, não pode ser medida de forma qualitativa ou quantitativa, pois parâmetros de julgamento, como esses, poderiam dar a impressão de haver sociedades mais *evoluídas culturalmente*, sendo esta uma denominação já considerada ultrapassada, uma vez que não há como medir, de modo qualitativo ou quantitativo, culturas e, portanto, é impossível delimitar que uma é superior a outras. Não existe cultura sem pessoas e, tampouco, pessoas sem cultura.

Ao longo dos capítulos da série, os relatos sobre a escravidão são constantemente suavizados. A tal ponto que surge a fala de Flávio Alencar (tempo do vídeo 36:25 – 34:57) descrito no vídeo como Historiador que afirma “(...) ser escravo era ser vencido numa guerra justa e perder sua liberdade, ou nascer de uma mulher nessa condição. [...] Se fala muito de reparação histórica em relação a raça e etnia, mas o fundamento da escravidão nunca foi a origem étnica, no Brasil, nunca foi”.

Paulo Cruz, filósofo, é o primeiro e único negro a aparecer entre os entrevistados nessa série. Esse é reconhecido por falas polêmicas, isto é, ser contra cotas raciais e afirmar que não existe apropriação cultural. Cruz, no documentário, afirma que a escravidão no Brasil

[...] não é racial, ela se torna racial no século XIX, quando surge as teses eugenistas, que se usa essa questão de tentar ligar ou associar o africano ou descendente de africano ao escravo. Mas isso era muito tardio, foi uma escravidão primeiro de oportunidade, tanto é, que não era difícil você encontrar negros que se tornavam senhores e que tinham seus escravos também. (VILA RICA, 2017, 34:58 – 35:32 min)

Sem citar fontes, para tal afirmativa, Cruz, ainda, afirma que “(...) nós temos casos de antigos escravos que pagavam sua alforria com seus próprios escravos, casos minoritários no sentido da história da escravidão como um todo, mas são especificidades que não são comentadas”. É seguindo esse discurso que grande parte dos *especialistas* entrevistados afirmam que estão relatando a história omitida pela educação formal.

Nesse sentido, Kakutani muito tem a acrescentar sobre a manipulação de informações por falsos especialistas, que sob a falácia da autoridade, modificam a realidade, de acordo com aquilo que julgam ser sua própria versão do que é verdadeiro.

Muitos desses canais nem mesmo tentam fornecer informações e fatos verificáveis. Em vez disso, procuram transformar o que um apresentador de talk show chama de “conteúdo baseado na verdade” em narrativas egocêntricas pré-fabricadas que ou ratificam as crenças do público ou reforçam seus piores medos. (KAKUTANI, 2018, p.139)

Seguindo nossa análise, no terceiro episódio, *A Guilhotina da Igualdade*, ao retratar a revolução francesa, o narrador afirma que as vítimas da guilhotina são professores, intelectuais, freiras e 40 mil cidadãos, em menos de um ano. Vale destacar que, novamente, não há citação de fontes para tais alegações extraordinárias. Assim como, referente às informações que fornecem, não citam autores ou demais fontes, com exceção de um link disponível na descrição dos vídeos disponíveis através do *YouTube*, que direciona a um conteúdo que é praticamente a transcrição do que foi apresentado, que funciona como um resumo ou uma resenha; todavia, no conteúdo, não consta as referências de pesquisa.

Adentrando um pouco mais à análise do terceiro episódio, surge a fala de Flávio Morgenstern (tempo de vídeo 14:40 – 14:55), onde afirma que "o lema dos jacobinos por sinal deixava bem claro o que é a esquerda. O lema deles eram ‘nós precisamos enforcar o último rei nas tripas do último padre’, isso é a esquerda". Claramente passa uma visão generalista, em que a esquerda se portaria como bárbara, não só agressiva contra o poder político, mas também contra o poder divino e religioso. Vale ressaltar, outra vez, que o material se vende como não-ideológico.

No vídeo, ainda há a afirmação que José Bonifácio *contemplou o terror francês* e, logo, isso teria feito com que ficasse cético aos ideais revolucionários. Boa parte deste episódio passa a visão de que as ideias iluministas, assim como os ideais revolucionários eram algo extremamente maléficos para uma sociedade civilizada, como se a Revolução tivesse a finalidade de uma borracha na história, que visava guilhotinar os costumes e bibliografias até então.

No quarto episódio, intitulado *Independência ou morte*, uma fala de Percival Puggina (tempo de vídeo 52:00 – 52:12) afirma que "(...) nós tínhamos durante o século XIX uma constituição do ponto de vista de organização das instituições, muito superior a atual". Tal fala reitera o favoritismo ao regime vigente na época, acompanhado de uma crítica à constituição atual e sua forma de delimitar e organizar as intuições e grupos da sociedade. Só não deixou claro em que pontos específicos a constituição do século XIX é superior a de 1988.

No quinto episódio, *O Último Reinado*, temos, dentre outros temas abordados, a retomada de discussão acerca da escravatura, em que, novamente, questões polêmicas são levantadas, como quando Thomas Giulliano F. do Santos, graduado em História fala (tempo de vídeo 53:55 - 54:00) que "(...) a forma como a escravidão foi superada é motivo de orgulho", ou ao retratar a luta contra a escravidão como sendo de protagonismo dos monarcas e das figuras específicas do poder, sem citar, com profundidade, as grandes revoltas e grupos de resistência. Glorifica-se a Princesa Isabel e os personagens simbólicos, dando a entender que a abolição foi o feito de um pequeno e planejado grupo. Além disso cai no antiquado discurso de ignorar todas as dificuldades pós-abolição que os antigos escravizados encontraram, como se realmente se tornassem livres das algemas sociais e econômicas.

É nítida a indignação contra a queda da monarquia. Além do mais, é possível ver, em vários momentos e em várias falas, ao longo da série, o entendimento da República *como golpe mal feito*, por exemplo. Não é para menos, já que alguns dos entrevistados mais recorrentes na série têm alguma ligação com os descendentes da antiga família real brasileira.

No sexto episódio, a revolta contra a República retorna, por exemplo, na fala do jornalista Lucas Berlanza que coloca a "(...) Proclamação da República como uma ofensa a um dos maiores patriotas que já tivemos, Dom Pedro II", ou como o "(...) processo de regressão que nos trouxe ao padrão que o Brasil se encontra hoje". A produção não satisfeita em criticar o sistema republicano, ainda cita repúblicas não democráticas, com a Coreia do Norte e China, classificando-as como ditaduras comunistas sob nome de repúblicas. Por conseguinte, corrobora a ideia da falta de credibilidade desde termo/sistema.

No sexto vídeo, *Crepúsculo de um ídolo*, também há a associação do governo Vargas à Alemanha nazista. Embora este simpatizasse com parte de tais ideologias, os discursos se entregam calorosamente aos delírios de conspiração para uma dominação socialista, ao tal ponto de citarem uma personagem bem famosa do período Vargas, Olga Benário. A série fala, desse modo, que "Olga era comunista ligada a KGB, não era santinha. Se suas ideias vingassem, o Brasil poderia ter se transformado em Cuba ou no que é a Venezuela hoje". Novamente, afirma-se, sem informar quaisquer fontes que corroborem tais alegações.

Essas alegações são comuns às ideias conspiracionistas ligadas ao olavismo e bolsonarismo, bem como são, também, incorporadas ao longo de cada episódio. Outras falas se destacam, como "(...) a longo prazo as leis trabalhistas prejudicam os trabalhadores, aumentando o chamado ‘custo Brasil’”; "fascismo é esquerda". Vale ressaltar que essas são frases/falas vistas usualmente pela extrema direita. Outro exemplo, “o Brasil não sente falta de um messias, mas de um pai”, alusão à busca do povo por uma figura de autoridade paterna. Além disso, comparam as mortes do período Vargas com o regime militar e o desarmamento da população como projeto "perverso" de Getúlio.

Já no começo do sétimo episódio, tido como um filme complementar à série, denominado como *1964: o Brasil entre Armas e Livros*, destinado ao período da Ditadura Civil-Militar brasileira, o depoimento do Percival Puggina (escritor ultraconservador e jornalista) diz que

é praticamente impossível que alguém que não tenha vivido a Guerra Fria, tenha condições de avaliar as condições pelas quais foram possíveis os acontecimentos do mês de março de 1964, porque o cenário mundial era completamente diferente do cenário de hoje, o ambiente social era completamente diferente às tensões sobre as quais se viviam naquele período. (1964: O BRASIL ENTRE ARMAS E LIVROS, 2019, 04:45-05:15)

Isso contraria à própria estrutura do documentário, uma vez que muitos jovens, os quais não vivenciaram este momento, são entrevistados logo depois da fala acima. Outro ponto problemático nessa fala é que inviabilizaria a própria pesquisa histórica, pois essa faz justamente um resgate de períodos aos quais, na maioria das vezes, não se viveu. A exemplo disso, em episódios anteriores, assume-se a narrativa que melhor se enquadra aos seus ideais da produção, colocando, por exemplo, os Estados Unidos da América na posição de *mocinhos* na história, ao passo que os soviéticos são qualificados como *vilões*.

A história passa uma narrativa da Ditadura, em que reconhecem o acontecimento de um golpe de Estado, assim como diz que não houve nenhuma reação ao golpe. No entanto fica, quase duas horas, defendendo que havia um perigo eminente de revolução comunista no Brasil. Isso soa contraditório, pois, se havia um projeto de revolução como se afirma, como poderia não acontecer nenhuma reação imediata em grande escala? Se havia guerrilheiros prontos para uma revolução, deveria ter ocorrido alguma forma de resistência, confronto ou guerra civil. Mas não houve. O que, de fato aconteceu, foram que as reações consideráveis começaram a partir de 1966, quando as represálias e as normas ditatoriais endurecem mais.

Uma fala, mais ao final do episódio também chama a atenção, quando Silvio Grimaldo, formado em Ciências Sociais, diz que (tempo de vídeo 01:49:45 – 01:49:44) “hoje a

narrativa é que os militares eram à direita, o que no meu entender é errado, os militares eram um movimento revolucionário”. Tal fala insinua que o Golpe Militar seria sido causado por movimentos revolucionários de esquerda, porém, novamente, não são apresentadas fontes que baseiem tal opinião. Essa guinada à esquerda lembra os defensores de que Nazismo teria também sido de esquerda e que o Holocausto nunca aconteceu. Isso são exemplos de padrões narrativos completamente enviesados nas produções do Brasil Paralelo.

Não satisfeitos em pregar um falso revisionismo histórico (pois beira a um negacionismo quase autodeclarado), constantemente, durante os vídeos, há crítica aos consensos históricos até então bem estabelecidos e fundamentados. Nesse sentido,

a estratégia, essencialmente, foi a seguinte: desencavar um punhado de supostos especialistas para refutar a ciência estabelecida ou argumentar que mais pesquisas seriam necessárias; transformar esses argumentos falsos em tópicos de discussão e repeti-los exaustivamente; e atacar a reputação dos cientistas legítimos do outro lado. (KAKUTANI, 2018, p.89)

A gravidade é elevada ainda mais por ser um conteúdo de divulgação autodeclarada como educativa, uma vez postada ao lado da narrativa oficial como equivalentemente digna de credibilidade. Isso permite que se assumam a forma da realidade moldada por seus produtores a serviço de uma ideologia que afirmam não pregar.

Se nossos alunos se tornaram consumidores, nada melhor do que lhes vender o truque perfeito: educação sem dedicação, resultados sem meios, aulas sem professores, saber sem cultura, permanência sem merenda. Primeiro atacamos os professores, intelectuais e pesquisadores, depois cortamos os investimentos em educação e todos ficam contentes como se estivéssemos purificando o país. (DUNKER, 2020, p.35-36)

Nas produções do Brasil Paralelo e, em especial, na série de vídeos expostos, é comum se ver, como entrevistados, pessoas que não são especialistas em suas áreas (com ressalva a poucas exceções), normalmente são figuras que não tem produção acadêmica reconhecida na sua área. Além disso grande parte das vezes não possuem, os entrevistados, credibilidade e legitimidade no assunto, não aparentam domínio de conteúdo, inclusive, acabam atacando vezes ou outra, especialistas que possuem tal legitimidade.

É importante, frisar, que o sucateamento da educação anda lado a lado com a descrença gradativa em seu ensino e seus ensinamentos. Por conseguinte, isso abre ainda mais brechas para conteúdos falaciosos cujas pretensões revisionistas visam uma desconstrução do próprio entendimento de verdade factual, embora não seja prudente a crença em uma verdade histórica, isenta de quaisquer vieses, uma vez que é interpretada e escrita por algum grupo, pertencente a uma cultura e época.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A História como investigação, organização e apresentação narrativa do passado, ao longo do tempo, passou por muitas mudanças tanto conceituais quanto metodológicas. A partir do século XIX, a História buscou afirmar como ciência e, ainda que tenham surgidas novas correntes de entender e de produzi-la, sempre buscou critérios de análise, verificação e construção narrativa que a classificasse como ciência.

Hoje, em pleno século XXI, é preciso um movimento para reafirmar e defender a ciência História. Isso porque a exigência de parâmetros na seleção e na avaliação das fontes se faz necessário justamente para que se diminuam as chances de cairmos em falsas premissas/conclusões e/ou versões tendenciosas e enviesadas, como bem tem sido comum no momento vivenciado atualmente, fenômeno denominado de Pós-Verdade. Nessa guerra de narrativas, tanto nos diferentes setores da sociedade (cultura, política, economia, entre outros), quanto na História, a possibilidade de uma verdade factual tem sido cada vez mais distanciada. E, quando um revisionismo negacionista se aprofunda na sociedade através de ferramentas e conteúdos aparentemente despretensiosos e educativos, a dificuldade de identificá-los e controlá-los é ainda maior.

As produções audiovisuais do Brasil Paralelo não são meramente uma exceção nas produções de conteúdo de cunho educativo, tampouco possuem uma proposta original, apenas se destacaram com êxito no que muitos outros antes já tentaram e ainda tentam. Servem não apenas como um retrato, mas também com um espelho que reflete o momento atual, repleto de incertezas, verdades pessoais, vieses coletivos, disputa de narrativas e movimentos reacionários.

O que é produzido no Brasil Paralelo não possui baixo orçamento, tampouco baixo empenho, na verdade, busca reafirmar e propor seus próprios pontos e suas narrativas, ainda que com grande frequência o produza a custo da verdade. Com alinhamento claramente à direita, ao conservadorismo e ao olhar olavista, suas produções se afirmam neutras e sem favoritismo. Propagam a ideia de que a história oficial, assim como a instituição escola omitiu e omite grande parte da verdade, corrobora para uma descrença não só na metodologia científica em si, como também nas instituições oficiais.

Através de grandes produções, deslumbram e envolvem o espectador, usando o recurso do apelo a autoridade, ainda que os entrevistados, majoritariamente homens, estejam respondendo a interesses próprios ou sejam conhecidos por conteúdos negacionistas e

reacionários. Os vídeos analisados se afirmam como não-ideológicos, todavia são ideológicos até na escolha dos entrevistados. Afirmam trazer a verdade omitida, mas, na verdade, só trazem os fatos ou os factoides recortados e, muitas vezes, sem fonte que corroboram com a mensagem na qual querem passar. Além disso prometem resgatar a verdade através de seu revisionismo, quando, o que fazem, é, em grande parte, um negacionismo enrustido e, às vezes, bem explícito. Ao se colocarem como alternativa educativa, realocam a própria educação na mira da descrença.

Portanto, acaba tornando-se perigosa a propagação de materiais que se propõe como educativos e se definem como a verdade, sendo estes propagadores de desinformação e de visões alternativas sem embasamento. Se faz necessário, assim, a defesa de uma educação em todas as suas etapas e seus alcances que estimule o senso crítico e instigue a investigação e averiguação das fontes de informação, bem como ensine e valorize a produção do conhecimento científico e formação do pensamento crítico. Quem sabe assim poder-se-á combater conteúdos como o analisado nesse artigo.

AGRADECIMENTOS

Direciono meus agradecimentos primeiramente à minha família, em especial a meus pais, pela educação e pelo carinho que sempre me foram abundantes, além do incentivo constante para eu seguir meus sonhos e enfrentar com perseverança os desafios no meio do percurso. Agradeço, também, aos meus colegas e amigos por estarem sempre ao meu lado, por me apoiar e me motivar em todos os momentos, respeitando minhas ausências e, em muitos momentos, tolerando meu mau-humor. Agradeço, também, à minha orientadora por assumir esse desafio comigo, bem como pela paciência, persistência e competência em cada momento. Agradeço a cada professor e colega que tive o prazer conhecer, pois agregaram muito à minha construção profissional e pessoal. E, por fim, agradeço à minha própria versão do passado, que embora em muitos momentos de dificuldade tenha cogitado desistir, não o fez. Isso porque agora posso dizer, sim, nós conseguimos chegar até aqui e não vamos parar.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Costa D' Assunção. A ESCOLA DOS ANNALES: considerações sobre a História do Movimento. [s. l.], 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/953/588>. Acesso em: 12 maio 2021.

BAZZAN, Alexandre. "Netflix" dos bolsonaristas gastou R\$ 328 mil em anúncios de Facebook e Instagram. Estadão, [S. l.], p., 28 set. 2020. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,netflix-dos-bolsonaristas-gastou-r-328-mil-em-anuncios-de-facebook-e-instagram,70003455670>. Acesso em: 4 maio 2021.

BLOCH, Marc. Introdução a história. Tradução de Maria Manuel, Rui Grácio e Vítor Romaneiro. Portugal: Europa-América, 1997.

BLOCH, Marc. Introdução a História. Lisboa. Publicações Europa-América, 1965.

COMTE, A. Curso de filosofia positiva, discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo, discurso sobre o espírito positivo. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os Pensadores).

DESIDERE, Leonardo. Brasil Paralelo quer 1 milhão de membros até 2022 e mira ramo do entretenimento. Gazeta do Povo, [S. l.], p. ., 18 set. 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/brasil-paralelo-1-milhao-membros-2022/>. Acesso em: 11 maio 2021.

DUNKER, Christian. Paixão da ignorância: a escuta entre a psicanálise e educação. 1ª. ed. [S. l.: s. n.], 2020.

FAUSTINO, Rosângela Célia; GASPARIN, João Luiz. A influência do positivismo e do historicismo na educação e no ensino de história. [s. l.], 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/2765/1896>. Acesso em: 11 jun. 2021.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOBSBAWM, Eric. Sobre história. [S. l.: s. n.], 1998. Disponível em: <file:///D:/Administrador/Desktop/TCC/Sobre%20Historia%20-%20Eric%20Hobsbawm.pdf>. Acesso em: 2 jun. 2021.

JUSTO, José Sterza; FREITAS, Cledione Jacinto de. Psicopolítica e pós-verdade no contemporâneo. [s. l.], 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Cledione-Freitas-2/publication/351327393_Psicopolitica_e_pos-verdade_no_contemporaneo/links/60915b1e458515d315f72611/Psicopolitica-e-pos-verdade-no-contemporaneo.pdf. Acesso em: 9 maio 2021.

KAKUTANI, Michiko. A morte da verdade: Notas sobre a mentira na Era Trump. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. Como as democracias morrem. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

MONTALVÃO, Cláudia Soares de Azevedo. Visualizando o passado: museu e história. In: História Representada: o dilema dos museus. Seminário Internacional. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2003.

MOTTA, Alexandre de M. Metodologia da Pesquisa Jurídica: o que é importante saber para elaborar a monografia jurídica e o artigo científico. Tubarão: Copiart, 2012.

PARALELO, Brasil. Brasil: a última cruzada. [S. l.], 2017. Disponível em: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/>. Acesso em: 28 abr. 2021

PARENTE, Paulo André Leira; SANCHES, Marcos Guimarães. Teoria e metodologia da história: livro didático. Palhoça: UnisulVirtual, 2009. 130 p.

PEREIRA, CARLOS ALBERTO MESSEDER; HERSCHMANN, MICAEL. Comunicação e novas estratégias organizacionais na era da informação e do conhecimento. [S. l.: s. n.], 2002. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/4165/3917>. Acesso em: 13 maio 2021.

SANGAN, Carl. O mundo assombrado pelos demônios: A ciência vista como uma vela no escuro. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ANEXOS

Fichas de análise de cada episódio:

FICHA 1 -

Nome do vídeo: Capítulo 1 - A Cruz e a Espada | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 51 minutos e 44 segundos

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=TkOlAKE7xqY>

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados

- Resumo da Reconquista Ibérica ou Retomada Cristã;
- O contexto português antes dos mouros;
- O surgimento da fé muçulmana;
- Como os muçulmanos tomaram a Península Ibérica? A Batalha de Covadonga — O início da Reconquista Cristã;
- O surgimento das Cruzadas; Os Cavaleiros Templários;
- Qual foi o papel de Afonso Henriques na Guerra da Reconquista? A interferência do rei francês Filipe IV, o Belo;
- Como a Guerra dos 100 Anos afetou Portugal? Dom Henrique, o Navegador;
- A Guerra de Granada; As Grandes Navegações Portuguesas; A importância de Portugal e o descobrimento do Brasil;
- O descobrimento do Brasil em 1500 por Pedro Álvares Cabral.

Os entrevistados do episódio:

Alberto da Costa e Silva; Dom Bertrand; José Carlos Sepúlveda; Luiz Philippe de Orleans e Bragança; Marcus Boeira; Olavo de Carvalho; Padre Cléber Eduardo; Percival Puggina; Rafael Nogueira; Rafael Vitola Brodbeck; Sidney Silveira; Thomas Giulliano Ferreira dos Santos.

Fontes apresentadas acerca do conteúdo do vídeo: <https://bit.ly/3ad9ByZ>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.

FICHA 2 -

Nome do vídeo: Capítulo 2 - A Vila Rica | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 69 minutos e 28 segundos

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/> ou <https://www.youtube.com/watch?v=svViHH8IBVg>.

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados

- Qual foi a intenção de Portugal na colonização do Brasil?
- Como foi o encontro dos portugueses com os índios? Como outros povos vieram parar na América? Quem descobriu o Brasil? Os portugueses ou os índios? As capitanias hereditárias;
- O Governo Geral; O papel dos jesuítas na colonização do Brasil;
- A escravidão no Brasil Colônia;
- A União Ibérica e a crise no Brasil Colônia;
- A importância dos bandeirantes;
- A Corrida do Ouro;
- O Marquês de Pombal;
- O fim do Período Colonial;
- A miscigenação e a identificação nacional.

Os entrevistados do episódio:

Bruno Garschagen; Clístenes Hafner Fernandes; Dom Bertrand; Dom Duarte Pio; Flávio Alencar; Jorge Caldeira; José Carlos Sepúlveda; Leandro Larloch, Olavo de Carvalho; Paulo Cruz; Percival Puggina; Rafael Nogueira; Thomas Giulliano Ferreira do Santos.

Fontes apresentadas acerca do conteúdo do vídeo: <https://bit.ly/3jEQBMC>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.

FICHA 3 -

Nome do vídeo: Capítulo 3 - A Guilhotina da Igualdade | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 57 minutos e 50 segundos

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/b-5-lightbox.html> ou <https://www.youtube.com/watch?v=2k7gKPjMzpE>

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados:

- Contexto histórico: O império de Napoleão Bonaparte;
- Quais foram as razões para a vinda da Família Real Portuguesa ao Brasil?
- Quais foram as mudanças com a vinda da Família Real para o Brasil?
- O maior benefício que o Brasil teve com a vinda da Família Real;
- Consequência da vinda da Família Real;
- O que foi o empreendimento civilizatório?
- Tratado de Aliança e Amizade, de Comércio e Navegação;
- O Reino Unido a Portugal e Algarves;
- Retornar ou não a Portugal? A decisão de Dom João.

Os entrevistados do episódio:

Dom Bertrand; Luiz Phillipe de Orlenas e Bragança; Marcus Boeira; Olavo de Carvalho; Percival Puggina; Rafael Nogueira; Thomas Giulliano Ferreira dos Santos; Flávio Morgenster; Gastão Reis; Luiz Sérgio Alvares DeRose; Dom Duarte e Pio de Bragança; Bruno Garschagen; Flávio Alencar; Aristóteles Drummond; Paulo Rezzutti; Valdirene Ambiel.

Fontes apresentadas acerca do conteúdo do vídeo: <https://bit.ly/3aUFV8S>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.

FICHA 4 -

Nome do vídeo: Capítulo 4 - Independência ou Morte | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 74 minutos e 4 segundos

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/b-6-lightbox.html> ou <https://www.youtube.com/watch?v=YpjDmTdsJac>.

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados:

- O que foi o Primeiro Reinado?
- Como o Brasil se tornou uma monarquia?
- Quais eram as principais características do Primeiro Reinado?
- Qual era a situação do Brasil antes do processo de Independência?
- A Revolução Liberal do Porto e seu impacto sobre o Primeiro Reinado;
- Como foi pensada a Independência do Brasil?
- O que foi o Dia do Fico?
- O papel de Leopoldina no processo de Independência do Brasil;
- A Independência do Brasil e o início do Primeiro Reinado;
- 7 de setembro de 1822;
- Como foi a nomeação do imperador?
- Como foi a consolidação da Independência?
- Constituição de 1824;
- As principais características da Constituição de 1824;
- Guerras de Independência;
- A ruptura da relação com Bonifácio e o problema da amante de Dom Pedro I;
- Como terminou o Primeiro Reinado?
- Dom Pedro I entre dois tronos: Imperador do Brasil ou Rei de Portugal?
- Noite das Garrafadas;
- Como morreu Dom Pedro I?
- O retorno de José Bonifácio e o início do Período Regencial.

Os entrevistados do episódio:

Dom Bertrand; Luiz Pfillippe de Orleans e Bragança; Marcus Boeira; Antônio Paim; Carlos Marchi; Adriano Gianturco; Leandro Narloch; Percival Puggina; Rafael Nogueira; Thomas Giulliano Ferreira dos Santos; Gastão Reis; Dom Duarte e Pio de Bragança; Brunno Garschagen; Aristóteles Drummond; Paulo Rezzutti; Valdirene Ambiel.

Fonte utilizadas pelo vídeo: <https://bit.ly/2NfA7yv>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.

FICHA 5 -

Nome do vídeo: Capítulo 5 - O Último Reinado | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 78 minutos e 58 segundos

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/b-7-lightbox.html> ou <https://www.youtube.com/watch?v=J8hnQcNyoXU>.

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados:

- O que foi o Segundo Reinado?
- Resumo do Segundo Reinado;
- Contexto – O fim do Primeiro Reinado e a transição para D. Pedro II;
- Como foi o Período Regencial?
- Política – Liberais e conservadores no Brasil Império;
- Quais foram as principais revoltas no Período Regencial?
- O golpe da maioria e o início do Segundo Reinado;
- Economia – A expansão cafeeira e a Era Mauá;
- Exemplos de grandes brasileiros que se destacaram no Segundo Reinado;
- O que aconteceu no ano de 1864 e por que foi decisivo?
- A Guerra do Paraguai no Segundo Reinado;
- A questão religiosa;
- Abolição da escravatura;
- 1889 – A Proclamação da República, a queda da monarquia no Brasil e o fim do Segundo Reinado.

Os entrevistados do episódio:

Thomas Giulliano; Arthur Telló; Paulo Cruz; Rafael Nogueira; Paulo Rezzutti; Alberto V. da Costa e Silva; Bruno Garschacem; Bolívar Lamounier; Rafael Vitola Brodbeck; Gastão Reis; Dom Bertrand; Luiz Phillipe O. Bragança; Carlos Marchi; Olavo de Carvalho; Aristoteles Drummond; Daniel Fernandes; Antônio Paim; Cléber Eduardo; Leandro Narloch; Luiz Felipe D'Ávila; Adriano Cianturco; Lucas Azambuja; Flávio Morgenstern; Luiz Sérgio Alvares Derose; Jorge Caldeira; Martin Vasques da Cunha.

Fonte utilizadas pelo vídeo: <https://bit.ly/373mLwp>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontradas outras fontes.

FICHA 6 -

Nome do vídeo: Capítulo 6 - Era Vargas: O Crepúsculo de um Ídolo | Brasil - A Última Cruzada

Tempo de duração: 85 minutos e 1 segundo

Tipo de vídeo: Documentário

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/b-8-lightbox.html> ou <https://www.youtube.com/watch?v=FRzjxqqZgr4>

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados:

- Etapas da Era Vargas;
- O contexto em que Getúlio Vargas surgiu no cenário político;
- Quem foi Getúlio Vargas?
- Resumo das principais características da Era Vargas;
- Revolução de 1930;
- Governo Provisório;
- Governo Constitucional;
- Comunistas no Brasil durante a Era Vargas;
- Estado Novo;
- Era Vargas e a Segunda Guerra Mundial;
- Renúncia de Getúlio Vargas;
- Governo Democrático;
- Fim da Era Vargas.

Os entrevistados do episódio:

Thomas Giulliano; Rafael Nogueira; Bruno Garschagen; Bolívar Lamounier; Rafael Vitola Brodebeck; Gastão Reis; Luiz Phillipe O. Bragança; Olavo de Carvalho; Aristoteles Drummond; Daniel Fernandes; Antônio Paim; Leandro Narloch; Luiz Felipe D'Ávila; Adriano Gianturco; Lucas Azambuja; Flávio Morgenstern; Jorge Caldeira; Guilherme Vasconcellos Almeida; Lucas Belanza; Percival Puggina; Rodrigo Constantino; Simon Schwartzman.

Fonte utilizadas pelo vídeo: <https://bit.ly/3qaROxW>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.

FICHA 7 -

Nome do vídeo: 1964 - O Brasil entre armas e livros

Tempo de duração: 120 minutos e 07 segundos

Tipo de vídeo: Filme

Link e/ou plataforma: <https://site.brasilparalelo.com.br/series/brasil-a-ultima-cruzada/b-9-lightbox.html> ou <https://www.youtube.com/watch?v=yTenWQHRPIg>.

Pontos/ocorridos/momentos da História apresentados:

- A influência da Guerra Fria sobre os acontecimentos de 1964;
- O Serviço Secreto da KGB e sua influência na Ditadura Militar no Brasil;
- A infiltração comunista no Brasil antes de 64;
- O que estava acontecendo no Brasil antes da Ditadura Militar?
- O golpe de 1964 foi uma resposta às guerrilhas ou elas aconteceram por causa do golpe?
- 31 de março de 1964;
- Castelo Branco e os primeiros Atos Institucionais;
- O terrorismo das guerrilhas e as vítimas do comunismo no Brasil;
- Costa e Silva, a “Linha Dura” e o AI-5;
- Médici e o Milagre Econômico;
- Geisel e a redemocratização;
- O Presidente João Figueiredo e a Lei da Anistia;
- O movimento Diretas Já e o fim da Ditadura Militar no Brasil;
- Consequências e conclusões sobre o período militar;
- Por que entre armas e livros?

Os entrevistados do episódio:

Percival Puggina; Fernão Mesquita; Flávio Morgenstern; Hélio Beltrão; Vladmir Petrilák; Rafael Nogueira; William Waack; Renor Filho; Petr Blazek; Luiz Felipe Pondé; Andrzej Wojtas; Leszek Pawlikowicz; Laudelino Lima; Mauro Abranches Kraenski; Olavo de Carvalho; Svétlana Pstácniková; Alexandre Borges; Lucas Berlanza; Silvio Grimaldo; Thomas Giulliano; Aristóteles Drummond; Luiz Ernani Caminha Giorgis; Luiz Philippe de Orléans e Bragança; Bernardo Kuster.

Fonte utilizadas pelo vídeo: <https://bit.ly/373Oi0S>. Texto redigido do conteúdo apresentado. Não foram encontrados outras fontes.